Teatro de Luís de Camões

Prefácio, fixação de texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, Porto, Assírio & Alvim, 2024, 392 pp.

Na obra conhecida de Camões, é o teatro a menor parte. Três peças cujas circunstâncias de produção ignoramos por completo. Que foi «representada na Índia a Francisco Barreto (governador entre 1555 e 1558» diz na rúbrica inicial de *Filodemo* no Cancioneiro manuscrito de Luís Franco Correa (1589). De *Enfatriões* e *Seleuco* nada. É ainda agora a parte menos estudada e menos editada. E mesmo a produção teatral pouco se tem atrevido neste campo. Em registos que vão de 1932 a 2026 – quase 100 anos, portanto – a Cetbase (https://cetbase.com/) dá conta de catorze encenações de uma ou outra das suas três peças: *Auto de Filodemo* 3, *Auto del Rei Seleuco* 4 e *Auto dos Enfatriões* 6. Um número muito menor do que o de espectáculos feitos a partir de, ou que de alguma maneira integram, outros poemas seus. E como, ao contrário de Vicente e a tragédia de Ferreira, não teve a fortuna de entrar no cânone escolar, não beneficiou da circulação em manuais e selectas nem foi alvo do prolífico «teatro para as escolas» que faz com que todos os anos vão à cena pelo menos meia dúzia de autos de Vicente – quase sempre os mesmos, é certo.

Dos cinco espectáculos integrados no *Programa Oficial das Comemorações do V Centenário de Luís de Camões* (2024-2026) só dois tiveram por objecto o teatro de Camões: *Camões, os divertimentos e a ira* numa encenação de São José Lapa do *Auto del Rei Seleuco* e o *Auto dos Anfatriões* com encenação de Silvina Pereira. Quanto às publicações, só a colecção das *Obras Anotadas*, com a chancela da INCM deverá incluir o teatro.

Na Assírio & Alvim, chancela ora detida pela Porto Editora, Sérgio Guimarães de Sousa publica a totalidade do teatro de Camões – com as duas lições quinhentistas do *Filodemo*. Livro cartonado, que faz a capa com o consabido «Retrato a

Vermelho» na cópia oitocentista de Pereira Resende, exibe uma confortável mancha gráfica; nas partes em verso, ignora o desenho estrófico em prol da distribuição das falas pelas figuras, e insere esparsas notas de rodapé cujo critério, dada a sua completa falta de sistematização, não se percebe.

No breve prefácio, o autor dá conta das fontes empregues – os dois testemunhos quinhentistas para *Auto dos Enfatriões* e *Auto de Filodemo*, e a edição das *Rimas* de 1645 para *Auto d'El Rei Seleuco* – e das edições novecentistas consultadas. Enumera e justifica os critérios de edição e afirma o propósito de um livro destinado não ao público académico mas aos «leitores em geral». Por aqui fica o Prefácio. Seguem-se, separados por cortinas onde se dá conta da lição transcrita e se indica a ligação para a cópia pública no sítio da Biblioteca Nacional, os autos.

São os autos de Camões um teatro de há quinhentos anos, bilingue, construído no linguajar de então, eivado de vocábulos, expressões e construções frásicas frequentemente demasiado difíceis, quando não completamente obscuras, para o público – leitor e espectador – actual. E se o espectáculo beneficia do cenário e dos corpos e vozes dos actores enquanto veículo para as palavras que contam a história, perante o livro está o leitor solitário, entregue a si próprio.

A este leitor importa, pois, um texto com um mínimo de escolhos que lhe entorpeçam a compreensão do mesmo, como o editor afirma fazer, modernizando a ortografia e introduzindo pontuação de acordo com as normas actuais. Não se compreende, por isso, a utilidade de manter «o valor funcional de certos arcaísmos» ou «as variações lexicais onomásticas» (p. 9). Afirma o editor que não moderniza o texto quando tal comprometeria o verso em questões métricas e rimáticas, mas, numa edição sem glossário, arrisca perder o leitor logo nos primeiros cinco versos da primeira fala de Anfatrião: *Ah, senhor Anfatrião,\ onde está todo meu bem,\ pois meus olhos vos nam* ***vem*** *falarei c'o coração\ que dentro n'alma vos* ***tem****.*

Em rodapé surge, por vezes, o significado de alguma palavra do texto, mas não descortino o critério que faz o editor anotar o sentido de *zombar: gracejar* e, na mesma p. 15, passar em claro vocábulos como *sedenho*, *rinchar* ou *remesso*. Pergunto-me que leitor terá em mente. Na página anterior, 14, à fala de Brómia, que assim edita: *E portanto não devia\ de ter triste a fantesia* ***porque*** *vossa mercê creia,\ que o prazer sempre salteia\ quem dele mais desconfia* faz uma nota (glossário, será?) que diz: *porque: para que*. Por que não grafou ***por que***? Já na p. 20, nas notas 10 e 11, em linhas consecutivas, portanto, *coprinhas* são *trovinhas* mas *copras* são *coplas*. Será para arreliar o leitor.

Na p. 80, no verso *qu'eu armarei tal cilada* dá conta de uma errata na fonte, que grafa ***salida*** em vez de ***cilada***. Mas adiante, na p. 94, onde, numa fala de Belferrão, o fólio 98 da *Primeira Parte dos Autos e Comédias*... regista *muy gentil conta fizeste\ pois que perdido sou este\ pois q̃ eras dous sendo nenhum*, em que se detectam duas erratas óbvias, sendo a primeira, no 2.º verso, a falta do **b** em **sou(b)este**, que produz uma leitura sem sentido, e a segunda a inclusão do advérbio **pois** no início do terceiro verso, o que o torna hipermétrico, opta o editor por *Mui gentil conta fizeste,\ pois que perdido sou este\ que eras dous sendo nenhum*, inserindo a nota 76 que diz *Provavelmente: soubeste*, e passando em claro a decisão de omitir o advérbio no 3.º verso. Uma vez mais, por que não grafou *soubeste*?

E assim prosseguimos, ao longo de 390 páginas em que umas vezes ficam por emendar erros óbvios das fontes, como o da p. 155, em que a didascália deveria anteceder o verso de Sancho: *Que buenos días hayáis*, e outras em que não há sequer o cuidado de editar, como na p. 159, na didascália *Aqui se sai bolindo com a almofaça e acorda o príncipe e diz*, em que, tal como está, ficamos a pensar se terá sido Sancho a acordar o Príncipe.

Lamenta-se, pois, que o que se anunciava obra capaz de alcançar o grande público, por uma editora como a Porto, com

grande capacidade de distribuição, tenha resultado num edição em que a falta de rigor e trabalho compromete seriamente o propósito almejado.

«'Luís de Camões, autor de comédias' é nome raro», dizia Osório Mateus no n.º 59 da Colóquio/Letras (1981), e não Mateus Osório – que, já agora, não elaborou o projecto *Teatro de Autores Portgugueses do Século XVI –,* como lhe chama o editor na p. 9 do Prefácio.

Helena Reis Silva